

## A PRESENÇA E A CONSTITUIÇÃO DO SABER: O CONTRIBUTO FENOMENOLÓGICO DE EDMUND HUSSERL E LOUIS LAVELLE À EDUCAÇÃO

*THE PRESENCE AND CONSTITUTION OF KNOWLEDGE: THE PHENOMENOLOGICAL CONTRIBUTION OF EDMUND HUSSERL AND LOUIS LAVELLE TO EDUCATION*

Bruno Fleck da Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

A objetificação dos processos de aprendizagem e do ato próprio da constituição do saber parecem predominar o contexto atual da educação onde a transmissão de informação é prioritária ao ato em si constitutivo do saber como dinamismo espiritual do sujeito humano. Em resposta a esse movimento, a tradição fenomenológica, aliçada sobre o legado de Edmund Husserl, em seu método e abordagem constituem um importante horizonte reflexivo e resolutivo. O presente estudo destina-se a pensar o papel da presença, enquanto, modo espaço-temporal da constituição de conhecimento como um resgate da educação a partir do solo último do mundo-da-vida. O diálogo é estabelecido com Edmund Husserl e Louis Lavelle. Considera-se por fim, que a fenomenologia reimposta a posição central da pessoa no processo educativo e pode ser considerada uma perspectiva decisiva no âmbito de uma educação humanista.

**Palavras-chave:** educação; fenomenologia; Edmund Husserl; Louis Lavelle.

### ABSTRACT

*The objectification of learning processes and the actual act of constituting knowledge seem to predominate in the current context of education where the transmission of information takes priority over the act itself constitutive of knowledge as the spiritual dynamism of the human subject. In response to this movement, the phenomenological tradition, based on the legacy of Edmund Husserl, in its method and approach constitutes an important reflective and resolute horizon. The present study aims to think about the role of presence, as a spatio-temporal way of constituting knowledge as a rescue of education from the ultimate soil of the life-world. The dialogue is established with Edmund Husserl and Louis Lavelle. Finally, it is considered that phenomenology re-imposes the central position of the person in the educational process and can be considered a decisive perspective within the scope of a humanistic education.*

**Keywords:** education; phenomenology; Edmund Husserl; Louis Lavelle.

---

<sup>1</sup> Doutor e Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria, UFSM. Professor Titular da Antonio Meneghetti Faculdade, AMF. E-mail: bruno.fleck@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3846-6618>

## PERSPECTIVAS INTRODUTÓRIAS

O processo de aprendizagem é inerente ao devir psíquico e à formação integral do sujeito humano, logo, refleti-lo coloca-nos diante do fato de que inerente ao modelo de aprendizagem, deve estar implícita uma visão antropológica. A perspectiva fenomenológica vincula o processo de conhecimento à capacidade primeira do atributo pessoal do gênero humano: a reflexão constituída pela consciência diante do mundo. Assim, o homem é entendido como o portador do lógos, da atividade espiritual da consciência, sendo assim, responsável pela significação e constituição do mundo a partir de si mesmo. Portanto, pensar a problemática educacional a partir de um viés fenomenológico e humanista, consiste em reafirmar a identidade do homem frente ao processo de conhecimento, bem como, nos faz considerar que o núcleo do ato educativo reside no íntimo do sujeito humano, produtor de sentido.

De acordo com Carotenuto (2013) a centralidade do sujeito entendido enquanto pessoa frutificou importantes perspectivas pedagógicas: o neotomismo de Jacques Maritain, por exemplo, que considera dois pólos constituintes da personalidade: a individualidade do ser e a vida espiritual. À cargo da educação está a manifestação destas duas dimensões da personalidade. Também em Mounier, em seu espiritualismo, centrado na pessoa, entende-se o ato educativo como manifestação de um sentido ao absoluto, manifesto como pessoa. Retroativamente, encontramos também as ideias do Humanismo histórico e Humanismo renascentista, que com Pico della Mirandola exaltaram a pessoa como realidade cosmoteândrica (terra, deus e homem), equilibrando vida ativa e vida contemplativa na exaltação da liberdade. Ainda mais, uma retomada da pessoa como centro constituinte do agir pedagógico está presente na Pedagogia Ontopsicológica do italiano Antonio Meneghetti (2019) que considera educar, o ato de fazer o sujeito saber e contemporaneamente ser a si mesmo.

Por sua vez, no século XX desponta a crítica fenomenológica frente ao problema do conhecimento. Edmund Husserl, o fundador da fenomenologia, em seu livro *A crise da ciências europeias e a fenomenologia transcendental* (2012), fez notar que o domínio das esferas, de um lado do subjetivismo-transcendental e de outro lado, do objetivismo-fisicalista, tencionaram o problema do conhecer à separação radical entre sujeito do conhecimento e objeto conhecido. Nesse sentido, permanecer nestes extremos não possibilitaria, para o filósofo, a evidência originária, que em perspectiva educacional, é a criação de sentido pelo sujeito.

Brevemente convém destacar que a fenomenologia, mais do que uma doutrina filosófica, consiste numa ciência específica a qual corresponde um método próprio. De acordo com Edmund Husserl (2014a), foi o próprio contexto do fim do século XIX e início do século XX que reclamou o posicionamento da fenomenologia enquanto ciência. O “sentindo outro” ao qual este saber compreende a aparição fenomenal, não é a do simples aparecer físico, mais do que isso, à mostração transcendental, onde superadas e reduzidas as realidades estritamente objetivas dos fenômenos (fatos) se revelará o contato direta com a essência da mostração, constituindo-se aí o sentido último produzido pelo homem em contato com o mundo. Ainda mais, com o próprio Husserl (2014a, p. 28) conclui-se que: “[...] a fenomenologia pura ou transcendental não será fundada como ciência de fatos, mas como ciência de essências (como ciência eidética)”.

Numa visão fenomenológica, o processo educacional predominante é caracterizado pelo que Husserl chamou de *atitude natural*, isto é, estaria limitado à compreensão do mundo por categorias de

conhecimento redutíveis unicamente à matematização e à objetificação. Por outro lado, a fenomenologia compreende que o sujeito, no processo de aprendizagem, é essencialmente constituinte de sentido através de sua consciência, que, portanto, não somente elabora um modelo de mundo “professado” pelo professor, mas mediante a educação (*educere*), em sentido transcendental, manifesta externamente o que é constituído internamente. Esse movimento é possibilitado pela denominada *atitude fenomenológica*.

A denominada *atitude natural* ganhou significativa expressão a partir do movimento *positivista*, uma vez mais, ressaltamos que é em contraposição a este modelo de construção do saber que a fenomenologia se origina como uma importante contribuição à educação. À atitude natural corresponde a objetivação do saber, que nesse sentido, vê a educação em sua dimensão utilitarista, técnica, passível de ser desenvolvida pelo modelo clássico da indução, justificada pela repetição, portanto, sem a presença da evidência daquele que conhece.

Por evidência, compreende-se aqui não o que é visto apenas pelos sentidos sensoriais, mas sim, o que é manifesto, o que aparece. Ao ato evidente corresponde uma atitude específica do educando, ser o constituinte de sentido de tudo o que lhe é proposto como experiência e ideia de mundo. Justamente, a presença, a qual discorreremos nos próximos tópicos, prevê esse estado temporal em capacidade de significação e constituição de sentido.

A generalização dos modelos educacionais a partir de uma perspectiva de fundo positivista parece ainda predominar na prática educacional. Justamente, o positivismo anula esta possibilidade de evidência, em sentido metafísico e fenomenológico. Capalbo (1990, p. 41) recorda que no modelo educacional positivista: “[...] o homem é visto como um organismo cujo funcionamento pode ser analisado em termos de papéis sociais e desempenho de funções, ou como um mecanismo de tipo biopsíquico, entendido como a soma das partes, soma de órgãos”.

Ora, nesta perspectiva o ideal funcional-social está baseado num funcionalismo de ordem mecanicista, de modo que a posição fundamental da consciência como abertura de sentido e constituição de mundo mediante o ato educacional parece ser secundária. É em contrapartida a isso que a perspectiva fenomenológica pensa um educar a partir do mundo-da-vida, isto é, no sentido em que: “[...] o professor em sua ação pedagógica não quer mais fazer uma mera transmissão de conhecimentos, mas quer fazer promoção humana de seus educandos” (Capalbo, 1990, p. 43). Mas para que tal propósito seja compreendido em sua constituição epistêmica, é importante salientar como se dá a constituição de sentido através da fenomenologia.

São muitas as facetas as quais a objetividade da educação nos é apresentada na atualidade. Para além de uma perspectiva epistemológica e de princípios de método, o advento das técnicas adentraram também na esfera educacional. A objetificação é marcada pela “programação” das possibilidades com o advento da Inteligência Artificial que supera-se buscando assemelhar-se à “rede neural” humana. Justamente, a educação não provém do fluxo neural, mas sim intencional, em solo profundo, isto é, da consciência enraizada no mundo.

A objetificação do evento educacional foge da presença. Por presença, adiantamos que compreendemos o momento de unidade epistêmica entre sujeito e objeto, homem e mundo, ou melhor, onde o mundo de faz realidade e verdade para o homem, que no devir do próprio eu em desenvolvimento com o mundo real resulta consciente de si mesmo. O solo da presença é a consciência, mas a própria tradição fenomenológica a compreende também como corporeidade.

Acerca desta dimensão, Fabri (2023) salienta que o advento da tecnologia exige uma reflexão viva sobre a percepção numa perspectiva fenomenológica. Na contramão da digitalização acelerada, o fenomenólogo aponta para a recuperação da sensibilidade para com o valor e a beleza do mundo percebido, em sentido pleno. A presença é aqui elevada também ao plano físico, como forma de interpelação diante da novidade do outro como co-sujeito de um mundo co-percebido.

Por fim, a fenomenologia em seu ocasionar-se perceptivo e organísmico ressalta o valor da reflexão frente a vida como dimensão própria da educação, nas palavras do estudioso: “A subjetividade corporal emerge, então, como luta pelo sentido, ipseidade resistente ao pensamento aditivo e calculador” (Fabri, 2023, p. 122). Nesse sentido, a integralidade do sujeito humano requer o contato e presença total diante do mundo percebido

Como já dito, o método fenomenológico foi desenvolvido por Edmund Husserl e os continuadores de tal perspectiva trouxeram desenvolvimentos posteriores à medida que seguiram o propósito da crítica e da solução fenomenológica, mas não propriamente o método husserliano. Nosso estudo propõe uma reflexão tendo em base, portanto, não propriamente o método husserliano, mas sobretudo o endereçamento de sua visão de mundo, específica do pensamento husserliano é corroborada por uma abordagem fenomenológica a partir do pensamento de Louis Lavelle. Para que se possa compreender o solo em que se enraízam as ideias do filósofo francês, nos é necessário uma caracterização dos preceitos fenomenológicos lançados por Husserl.

## A CRISE DA RAZÃO COMO CRISE DA EDUCAÇÃO

A crença no ideal grego de razão é fundamental para o desenvolvimento da noção de Educação que temos em nossos dias. Este ideal de razão não deve ser confundido com o modelo moderno de racionalidade, baseado na indução e dedução somente, mas, sobremaneira, entendido como capacidade de *intuição*. O horizonte último do ideal de razão coincide com a crença na educação e na ciência, que seriam expressões significativas do homem ocidental.

Em 1924 é publicado na Revista Kaizo o artigo escrito por Edmund Husserl e intitulado: *Renovação, seu problema e método (2014b)* (Hua XXVII). No referido texto a crise da razão é tematizada como: “[...] a perda da crença impulsionadora em si mesma e em um sentido belo e bom da sua vida de cultura” (Husserl, 2014b, p.3). Para o filósofo, a noção de *cultura* ou *vida de cultura* está intimamente associada à crença na Europa, não no sentido de continente geográfico, mas sim, no direcionamento de sua natureza espiritual, representada como civilização do lógos inaugurada pela tradição grego-ocidental.

Se a relação entre cultura e *ethos* é originária, uma crise da cultura representa, portanto, uma crise do próprio homem e da educação em sentido amplo. É em direção à renovação da identidade racional da comunidade europeia, ao sentido próprio da civilização do lógos, que deve-se operar a restauração de uma vida, a ser vivida como resultado do apriórico mundo-da-vida (Husserl, 2014b).

Para Edmund Husserl, a noção de mundo-da-vida corresponde à esfera última em que a produção de sentido e significado do saber humano no mundo é dada. A atitude fenomenológica tende a uma produção de conhecimento que não é de ordem objetiva, ao contrário, é na subtração da objetivação do saber dados e portanto, na presença e contato do íntimo transcendental do homem que se origina a fonte do conhecimento e da aprendizagem, que deve, portanto, corresponder ao mundo-da-vida.

Para o filósofo, a maior expressão da civilização do *lógos* é a ciência, uma vez que sintetiza a proatividade entre intelecto e vontade, expressando assim a natureza do homem ocidental. No que tange à ciência, esta é hoje caracterizada como positiva, prática, matemática, aplicada. Para Husserl, a ciência em si deve ser caracterizada por duas dimensões, a prática e a teórica. Teórico para Husserl não é sinônimo de incompatível com a prática, muito pelo contrário, é a dimensão que dá o seu fundamento. Assim, se por um lado a multiplicidade de manifestações das ciências ou as múltiplas ciências gozam de grandes conquistas, hoje infinitamente maior do que à época de Husserl, o mesmo não se pode dizer ao papel orientador das ciências teóricas ou então do espírito apriórico inerente à toda ação humana, nem à época de Husserl, nem hoje. Partindo de tal premissa, nas palavras do filósofo (Husserl, 2014b, p. 6): “[...] falta por completo a ciência racional do homem e da comunidade humana [...]”.

Um breve aceno etimológico tem valor essencial no que diz respeito ao emprego do uso do termo “ciência”. A variação ou esvaziamento semântico é um fenômeno que não escapa ao uso recorrente de qualquer termo. No que sugere ao termo ciência, este é sinônimo de produtividade técnica, de medição com critérios heterogêneos ao homem, com a representação matemática dos fenômenos. Para além desta perspectiva positivista, é interessante notar que em sua etimologia latina a palavra ciência é constituída pelos termos latinos: *scio + actio + ens*: saber a ação do ser (Meneghetti, 2001).

É interessante notar que em sua constituição etimológica a noção de ciência implica um movimento introspectivo, isto é, de acesso ao *inctus*, ao interior, o reino constitutivo do sentido. Justamente, a perspectiva husserliana parece reclamar a ciência ao seu agente, o próprio homem. De fato, se a ciência está baseada em paradigmas históricos, em métodos de ordem heterogênea, como acessar o ser? Como contatar o mundo? Portanto, diante de uma ciência cindida do seu agente é que a crítica husserliana apela:

A profusão colossal de fatos temporais, morfológicos, ordenados individualmente ou sob pontos de vista práticos, permanece nelas sem qualquer vínculo de racionalidade *principal*. Falta, aqui, precisamente a ciência apriorística paralela, por assim dizer, a *mathesis* do espírito e da humanidade; falta o sistema cientificamente desenvolvido do racional puro, das verdades enraizando-se na “essência” do homem [...]” (Husserl, 2014b, p. 7).

Nota-se que Husserl faz um destaque ao termo “principal”. No latim, *principis*, indica aquilo que vêm antes, que é inerente ao que se segue, logo, elementar e fundamental. A crítica husserliana direciona-se sobre os elementares fundamentos do saber, hoje extremamente abandonados pela lacuna da técnica e do acúmulo de memórias teóricas que distanciam o cientista do objetivo investigado, assim como, o homem “comum” do contato com a vida.

O sentido do termo razão, igualmente ao de ciência, expressa esta capacidade de medir o real em função e unidade de contato. Para o filósofo, a razão não cumpre o papel de simples explicação, mas é expressão autêntica do cientista do espírito. Em que medida a cultura está relacionada a esta ciência do espírito? Na visão husserliana a cultura manifesta a escala maior das relações de mútua compreensão que é somente e efetivamente ligação, comunidade ou sociedade, através de uma motivação dada na intropatia, isto é, no modo em que as consciências se dão umas às outras em vivência e significado.

A objetivação das relações interpessoais é estendida à objetivação das interações de ordem científica, que por sua vez, se situam no campo do natural, daquilo que é existência fatural ou, como atesta o filósofo, simples experiência externa (Husserl, 2014b). Para Husserl o verdadeiro sentido de objetivação científica não deve ser buscado nos meros fatos, mas na interioridade da consciência, neste mesmo sentido, é da consciência, em sentido transcendental, que o conhecimento deve dar espaço a uma perspectiva plenamente humana de educação.

Em que medida o destino da educação entrelaça-se ao destino da racionalidade? A nosso ver, a perspectiva fenomenológica resgata o enlace entre homem e mundo, ou ainda, entre educando e realidade a partir da constituição de sentido. Para além de uma ordem lógico-positivista, a educação deve retomar o contato ao simples do sujeito no mundo. Simples aqui entende-se por elementar, isto é, pela constituição ativa da razão ou lógos expressa numa vida ativa da consciência. Um ideal de educação que tenha como ponto de partida a constituição de sentido a partir da consciência estaria privilegiando a esfera do contato.

### **A PRESENÇA COMO CONDIÇÃO AO EDUCAR**

Para Lavelle, o problema do conhecimento somente pode ser tomado em seu sentido originário se, já de início, coloca-se “[...] a consciência no nível do Ser” (Lavelle, 2012, p. 22). Portanto, o problema epistemológico é pensado a partir do horizonte ontológico, na medida em que todo conhecer existe enquanto dadaidade ôntica. A partir da perspectiva lavelliana, o problema do conhecimento coloca o problema da consciência, e faz-se determinante para que a educação seja um movimento plenamente humano, isto é, que facilite o entrelaçamento do educando com o mundo na constituição de sua realidade.

Na perspectiva lavelliana a posição da consciência, fenomenologicamente assume-se em posição transcendental e, portanto, afirma-se na radicalidade do Ser, isto é, em sua posição ôntica, ou em sentido husserliano, no mundo-da-vida. É nesse sentido que, para Lavelle, a consciência estando no nível do ser opera como que em uma recusa ao fenomenismo em sentido positivista, que na separação entre as esferas do sujeito e do objeto, não pode colher a *presença total*.

A noção de presença total é entendida a partir de uma dupla compreensão: primeiramente a do fato de que o educar só acontece se a posição do sujeito for a de uma presença. A presença em sua dimensão espacial considera que o sujeito constitui o saber a partir da presença: a unidade constituída pela consciência entre ele e o mundo. Etimologicamente, consciência é um termo que possui uma forte conotação de caráter ontológico. Do latim, *cun + scio + ens + actio*: saber dentro da ação do ser (Meneghetti, 2014). Na perspectiva lavelliana a consciência restitui o íntimo do próprio homem à sua realidade ôntica, que nesse sentido, coincide com a totalidade do ser. Para o filósofo, partir desta concepção constitui um “[...] ato de confiança no pensamento e na vida” (Lavelle, 2012, p. 19).

Ainda mais, para o filósofo francês a consciência coloca o sujeito humano em profundidade com o mostrar-se originário da vida, que é revelada na intimidade da própria consciência, que não pensa o mundo, mas que possibilita viver o próprio mundo, portanto, estabelecendo assim este elo de confiança. Nesse sentido, a vida da consciência é a vida não de uma abstração racional, mas sim, revelação de um absoluto, imanente é idêntico à própria razão, vitalizada pela atividade espiritual da consciência.

Na esfera da correlação intencional, a presença desponta como uma temporalidade própria da consciência, o instante. Para Lavelle (2012, p. 24): “[...] o instante é precisamente a encruzilhada do tempo e da eternidade”. A categoria temporal da presença não pode ser outra senão a de um *hic et nunc*, isto é, neste aqui e agora, da própria consciência, isto é, senão no instante da revelação, que abre-se como dadidade absoluta da vida manifesta como totalidade do Ser, isto é, conforme sustenta o filósofo: “A presença, ultrapassando o próprio pensar nos coloca diante da própria vida” (Lavelle, 2012, p. 57).

A partir da presença o vínculo entre o sujeito e o mundo é constituído. Assim, o ato educativo deve favorecer esta unidade: o mundo desvela-se como novidade e constituição e o próprio sujeito, ao entrelaçar-se com o mundo, constitui o mundo e a si mesmo. Nesse sentido, o ato educativo transcende uma simples apreensão de conteúdos, mas constitui uma visão de mundo no próprio estar no mundo do sujeito, bem como, revela uma posição de ação, portanto de vontade.

Acerca da temporalidade da consciência e do revelar-se na presença e no instante, é interessante o quanto já foi posto pelo próprio pai da Fenomenologia. Em *Lições sobre ética e teoria geral dos valores acerca da ética formal (2009)*, ao tratar da relação entre consciência e vontade, Edmund Husserl sustenta que “[...] toda vontade é dirigida às coisas em questão” (Husserl, 2009, p. 195), isto é, a consciência ao dirigir-se ao mundo age enquanto vontade a um preciso instante que, por sua vez, é a expressão imanente do revelar-se absoluto do Ser, portanto, a totalidade é dada no agora, no instante.

A noção lavelliana de Totalidade não deve ser confundida com uma posição transcendental que dimensiona a consciência para além da própria imanência do real. O ato transcendente é intemporal (Lavelle, 2012), isto é, existe dentro do tempo, enquanto um lançar-se total no real instantâneo e que por fim, abre-se como um horizonte maior, porém, sem jamais perder a raiz do instante. Na temporalidade própria da consciência, dirá o filósofo: “[...] o tempo nos é dado para nos permitir construir nossa essência intemporal” (Lavelle, 2012, p. 24).

A presença como acontecimento educativo constitui uma iluminação, trata-se do esclarecimento, que não é a soma de informações, mas o devir do sujeito imerso no mundo em uma posição de evidência, de visão e, portanto, de significação. A visão e a significação são dadas pelo resultado do acontecimento educativo, que é por nós compreendido como um modo de aparição, portanto, sempre fenomenologia. O ato educativo ilumina e significa a vida. Com Lavelle consideramos que:

Nenhum pensamento pode ultrapassar em força, nenhum sentimento alcança em profundidade a experiência perfeita em que o pensamento, o sentimento e o ser cessam de se distinguir entre si porque se está em face de uma presença real. Quando esta presença é dada, é o esforço do conhecimento que alcançou seu último ponto, é nossa vida que encontrou sua essência e sua significação (Lavelle, 2012, p. 57).

Na presença o ato educativo é preenchido pelo sentido assumido no interior de uma vivência intencional. As vivências intencionais, mediante a presença e a consciência unificam o que foi percebido e colhido pelos sentidos, de modo que no ato educativo, o educando é chamado a compreender um com aquilo que conhece, e, ainda mais, a compreender que todo o conhecimento é em certa medida transformador dele próprio. Conforme destaca Bello (2006), toda vivência é uma consciência desta unidade

de percepção e sentido que o ser humano colhe do mundo em si mesmo. Assim, a vivência ultrapassa a experiência, isto é, passa-se da compreensão objetiva para a significação transcendental no interior do próprio íntimo do sujeito educando.

### **PERSPECTIVAS CONCLUSIVAS: EDUCAR É PRESENCIAR-SE NO MUNDO**

É em direção a uma educação produtora de significação que muitas perspectivas contemporâneas têm-se voltado. Justamente, acerca da possibilidade de um saber em presença, em contato, é que a fenomenologia oferece uma contribuição importante à educação. Para que tal propósito possa fazer sentido ao ato educativo, exploraremos alguns pontos de reflexão.

Primeiramente, é necessário considerar que por educação não se entende o processo escolar apenas, mas toda a perspectiva de constituir-se do ser humano em relação: à cultura, ao senso político, ao estabelecimento das relações essenciais, à profissionalização do próprio fazer no mundo, entre tantos outros aspectos. Todas essas dimensões da vida são constituídas a partir de um ideal educativo, por meio de um processo formativo. A fenomenologia reflete sobre o modo de relação que o sujeito humano pode estabelecer com estas esferas, isto é, também nelas há o risco da mera objetivação sem a constituição de sentido, portanto, sem vivenciá-las como modos específicos do mundo-da-vida.

Conforme a reflexão tida nos tópicos anteriores atestam, a fenomenologia reflete a constituição epistêmica do próprio ato educativo, assim toda forma efetiva de conhecimento deve ser resultante da esfera de contato de presença entre o sujeito e o mundo. Uma vez mais convém resgatar o papel da consciência, que de acordo com a fenomenologia: “[...] é a própria estratificação das operações constitutivas, ativas e passivas, que formam o objeto” (Bello, 2019, p. 46). Assim, é necessário compreender que a educação age não somente numa esfera formal, lógico-cognitiva de apreensão objetiva do mundo, mas muito para além disso, é um ato essencialmente espiritual do ser humano.

Ainda com o auxílio da fenomenóloga italiana, é necessário compreender, em nossa discussão que dialoga com a fenomenologia e educação a distinção entre atos psíquicos e atos espirituais. Para Ales Bello (2006), os atos psíquicos são involuntários, eles constituem uma forma de saber que é reativa. Por outro lado, os atos espirituais são atos voluntários, vivenciados pela consciência do próprio sujeito. A nosso ver, o ato educativo é proveniente desta realidade espiritual, que em perspectiva fenomenológica, se dá mediante a consciência transcendental e em modo de presença.

Ainda mais, a consciência como local da presença e a presença entendida como evento do educar constituem o solo primeiro onde existe o vínculo do aprender a partir da específica e própria realidade do sujeito. Em perspectiva próxima à nossa reflexão assemelha-se o quanto proposto no estudo de Bach (2015) intitulado: *O pensar intuitivo como fundamento de uma educação para a liberdade*. Para o pesquisador a dimensão qualitativa do pensar é proveniente de uma perspectiva fenomenológica, enquanto na dimensão racional e, portanto, positiva, permanece apenas uma esfera mais simples de compreensão.

O método fenomenológico de Husserl possui, em sua segunda instância, a denominada fase da “redução genética”. Antes de tudo, convém mencionar que por redução compreende-se a suspensão do modo habitual da consciência frente aos objetos e a si mesma. A redução é considerada a partir do seu originário grego, o conceito de *epoché*, suspensão do juízo. A compreensão genética da fenomenologia

logia transcendental faz perceber que todo processo de conhecimento e portanto, em ampla escala, a educação é um ato genético, isto é, criativo de sentido. No momento em que o conhecimento acontece, contemporaneamente sujeito e objeto se auto-constituem. Assim, uma compreensão fenomenológica da educação considera que todo ato educativo, deve ser um manifestar-se puro do sujeito envolvido com o mundo, isto é, conhecer é sempre em alguma medida conhecer-se.

Acerca desta fundação auto-fundadora e genética do proceder fenomenológico à educação, é necessário considerar que:

A vivência da educação é inseparável da vida e nos acompanha em cada passo. A experiência da educação nos abre a percepção de um ser humano que se desenvolve educando-se. A experiência da educação nos remete de imediato à fenomenologia genética que revela a constituição do ser humano em sua formação no tempo. O ser humano revela suas características essenciais em formação. O ser humano está sendo. A educação aparece na base da antropogenética (Josgrillberg, 2015, p. 9).

Bellini e Galioto (2009) sustentam que a perspectiva fenomenológica sobre a escola e a formação integral do indivíduo teria sua singularidade na relação entre educação e individualidade, isto é, a fenomenologia, em seu ater-se à consciência, faz com que a dimensão escolar sai de uma esfera objetiva e perpassa o sujeito em sua singularidade.

A singularidade individual é uma temática extremamente necessária quando se considera a relação entre fenomenologia e educação. Ainda que Edmund Husserl tenha estabelecido que a fenomenologia tende à universalidade do saber em essência, toda a esfera de sentido passa pela consciência individual. A objetivação da educação parece desconsiderar os modos pelos quais a constituição de sentido exige um revelar-se na originalidade de cada sujeito humano.

Antonio Meneghetti, pensador italiano fundador da Pedagogia Ontopsicológica afirma que é somente em base ao princípio de individuação que a educação pode acontecer. Por individuação não entende-se, nesta perspectiva, somente a unicidade da consciência, mas a unicidade ôntica do próprio indivíduo, representada pela categoria scottiana, recuperada por Meneghetti de hecceidade: princípio de individuação. Assim, para o italiano: “O escopo prático é educar o sujeito a fazer e a sabe a si mesmo” (Meneghetti, 2014, p. 14); ainda mais: “Toda a visão ontopsicológica em relação à pedagogia é uma auscultação dos sinais do código-base da vida, que a criança possui intrinsecamente [...]” (Meneghetti, 2014, p. 15). Portanto, implícita à visão fenomenológica de consciência manifesta-se a singularidade do sujeito. De fato, o próprio Edmund Husserl acusou a necessidade de que se passasse de uma *consciência psicológica* para uma *consciência transcendental*. O solo último do sujeito humano, a sua singularidade, reside neste núcleo de individuação, que para Meneghetti define-se Em Si ôntico.

Edmund Husserl também caracterizou a fenomenologia como a “ciência do vivido”. A noção de vivido pode ter seu correspondente como “realidade” na perspectiva educacional, isto é, daquilo que diz respeito à vivência primeira do educando. Assim, todo vivido, advindo da constituição de sentido operada na consciência transcendental, define a condição de presença e de contato do sujeito humano com o próprio mundo. A educação, nesta perspectiva, possibilita o refundar-se do sentido amplo de *cultura*,

como visto já na crítica precedente, isto é, uma renovação cultural onde a produção do saber corresponde ao que é vivido plenamente em sentido pelos indivíduos.

A todo vivido corresponde uma esfera de presença total, como identificamos com Lavelle. A presença corresponde ainda a um modo de “imediatividade” como destaca Josgrilberg (2015), bastante específico da fenomenologia. O caráter imediato da educação deve proceder desse *contato*, dessa esfera direta de íntimo a íntimo, donde convém destacar que a fenomenologia propõe também uma presença entre as figuras da educação, isto é, educador e educando. Nessa perspectiva, o contributo fenomenológico à educação adentra à esfera co-subjetiva da constituição do saber, portanto, um modo específico de relação.

Para além do quanto já explorado, é por fim o advento de uma cultura que provém do mundo-da-vida, representaria a capacidade reflexiva do homem frente ao próprio processo educacional. Assim, é correspondente ao ato de constituição de sentido, que o educando, a partir da presença que possibilita o conhecer, advenha como liberdade. A liberdade corresponde a este pensar reflexivo que se manifesta então como o agir livre do homem no mundo do sentido.

Objetivando refletir o contributo da fenomenologia à educação a partir da tematização da “presença”, buscamos aqui evidenciar que os desafios enfrentados frente a perda de contato com o mundo-da-vida refletem na visão limitada e objetivista da educação. A perspectiva fenomenológica responde a esta problemática refletindo o papel determinante da produção de saber a partir da esfera de uma presença, onde o sentido e os vividos sejam também pensados como objetivos finais inerentes a todo ato educativo.

Por fim, trata-se de considerar que o retorno a um humanismo ou ensino de humanidades à educação requer uma perspectiva epistemológica que esteja plenamente centrada no poder constituinte do humano, enquanto pessoa, frente aos saberes. É nesse intuito que o legado de Edmund Husserl e Louis Lavelle nos apresentam um horizonte reflexivo vivo e impulsionador a uma educação mais humana e enraizada no mundo-da-vida, o solo último da constituição do saber em sentido puro e real.

## REFERÊNCIAS

- BELLINI, Bianca; GALIOTO, Carmelo. Una prospettiva fenomenologia sulla scuola: l'esperienza scolastica come opportunità di formazione integrale dell'individuo. Revista **Encyclopaideia - Journal of Phenomenology and Education**. Itália, v. 26, n. 64, 2022.
- BELLO, Angela Ales. **Introdução à Fenomenologia**. Tradução de Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mafohud. Bauru: EDUSC, 2006.
- BELLO, Angela Ales. **O sentido das coisas: por um realismo fenomenológico**. Tradução de José J. Queiroz. São Paulo: Paulus, 2019.
- CAPALBO, Creusa. Fenomenologia e Educação. **Revista Fórum Educacional**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 41-61, 1990.
- CAROTENUTO, Margherita. **A Paidéia Ôntica: dos Sumérios a Meneghetti**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

FABRI, Marcelo. Gestar sensibilidade em diálogo: tarefa para a fenomenologia da percepção na era digital. **Revista Ágora Filosófica**, Recife, v. 23, n. 3, 114-128, 2023.

HUSSERL, Edmund. **Leçons sur l'éthique et la théorie de la valeur (1908-1914)**. Trad.: Ducat, Lang e Lobo. França: Presses Universitaires de France, 2009.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Trad. Márcio Suzuki. 5. ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2014a.

HUSSERL, Edmund. **Europa: crise e renovação: artigos para revista Kaizo - a crise da humanidade europeia e a filosofia**. Tradução de Pedro M. S. Alves e Carlos Aurélio Mourujão. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b.

HUSSERL, Edmund. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à Filosofia Fenomenológica**. Tradução de Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

JOSGRILBERG, Rui. Fenomenologia e Educação. **Revista Notandum**, Volume 38. Maringá, v. 38, p. 01-10, 2015.

LAVELLE, Louis. **A presença total e ensaios reunidos**. Tradução de Carlos Nougué. São Paulo: É realizações, 2012.

MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2001.

MENEGHETTI, Antonio. **Pedagogia Ontopsicológica**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.